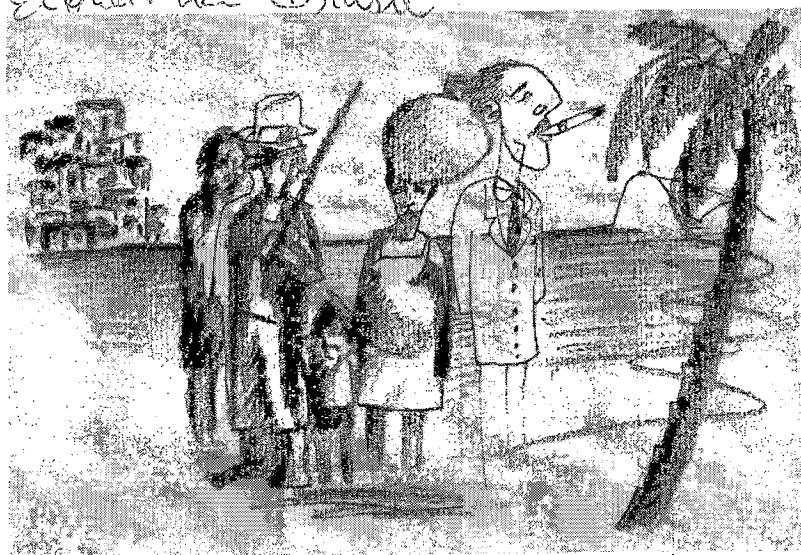


# Subdesenvolvimento brasileiro

José Jesus Moraes Rêgo\*

Economia Brasil



Os “caracteres constitutivos do subdesenvolvimento” presentes em livros como os de Yves Lacoste, “Os Países Subdesenvolvidos”, Difusão Européia do Livro, Coleção Saber Atual, 8ª edição, 1973, não diferem muito de um conjunto que se poderá fazer atualmente, a fim de que se escape da simples caracterização de renda per capita, que se sabe não diz tudo, ou diz pouco, ou até mesmo deturpa - como é o caso do brasileiro -, esquecendo-se de “insuficiência alimentar, deficiência da agricultura, baixa renda nacional média e baixos níveis de vida, industrialização reduzida” - no caso nacional, no momento, se não tanto reduzida, mas se passando, acertadamente, para grupos estrangeiros -, “fraco consumo de energia mecânica, situação de subordinação econômica” - sem dúvida agravada em períodos da década de noventa -, “setor comercial hipertrofiado, estruturas sociais ultrapassadas, fraco desenvolvimento das “classes médias”, atualmente e nos últimos anos, sendo praticamente destruída pelo não aumento significativo de participantes nela, como pela redução de renda, ou mesmo diminuição na renda de milhões que a compõem no país, além de ser somente em torno de 12% sua participação na população brasileira; “frágil integração nacional”, que piora face ao ainda significativo atraso do Nordeste e da Amazônia, bem como aumento de bolsões de pobreza nestas regiões, fato que se deve melhor quantificar, ou seja, mostra uma miséria estagnada, ou mesmo crescendo, que faz o Brasil ser mais miserável na América Latina, que países como: Argentina, México, Colômbia, Chile, Venezuela, Uruguai, pelo menos com situação de comparação pior, quando fazíamos há trinta ou quarenta anos atrás, “importância do subemprego”, sem dúvida aumentando no país, graças ao emprego informal e ao incremento nos biscastes “deficiente nível de instrução, intensa natalidade” - se com taxas menores nesta dé-

cada mas com crescimento da economia pequeno, ou quase inexistente, pois teremos menos de 2,0% no período 1990-1999, que não está absorvendo de forma mais significativa a mão-de-obra, que quer entrar no trabalho - “estado sanitário impecável em vias de melhorar e a tomada de consciência”.

Do livro “Os Países Subdesenvolvidos” - abrindo desta forma: “Quinze anos após a guerra e o início dos diversos esforços de desenvolvimento, os graves problemas dos países subdesenvolvidos estão longe de serem resolvidos. Todavia, sua verdadeira natureza aparece agora com mais clareza” - há que se considerar o enfoque já caracterizado como “esse esforço desenvolvimentista de tipo novo” dado à China, bem como a citação de Myrdal, que não parece estar ausente do mundo atual: “Parece bem difícil escapar à conclusão de que, com toda objetividade, o resultado mais provável para estes (os esforços de desenvolvimento) é o fracasso”. Não obstante, explicando Lacoste as colocações de Myrdal: “É verdade que o autor havia previamente colocado o princípio de dar aos seus raciocínios apenas o quadro do “Mundo Ocidental”. Cf.p.123, obra citada.

No conjunto de critérios para caracterizar desenvolvimento e subdesenvolvimento, poucos países servem de exemplo tão bem como o Brasil, para, se não descaracterizar o conteúdo de renda per capita, pelo menos para mostrar a sua falsidade e a sua não penetração interiorana. Daí porque, não somente se observando renda per capita, mas mui-

tos desses outros critérios, pode-se afirmar que o Brasil perdeu duas décadas. Como recuperá-las? Inicialmente não se deve afastar o país de um amplo programa de desenvolvimento econômico, partindo-se das perdas das décadas de oitenta e de noventa, fazendo-se um esforço para recuperá-las, que não pode ser sem que o país cresça em taxa superior a 6% ao ano, como média de um bom tempo, uma década, por exemplo.

O posicionamento anterior, a indicação de crescimento, este que tem que ser incorporado por toda uma política desenvolvimentista, que se veja os conteúdos das características do subdesenvolvimento e se parta, com um suporte programático às mesmas características, tendo-se como base: 1. criação de empregos: aumentar e como se evitar um crescimento de mercado sofisticado, pensando na incorporação de novos compradores, pequenos que sejam, para o mercado, também, que não se tenha um mercado falso, voltado para uma elite, sim decorrente da criação de empregos, conhecendo-se a dimensão do mercado, grande, no Brasil, comparando-se com os outros, mas como esta é mais útil a grupos, do que para a produção interna, mais nacional e mais voltada para a população em geral, ou seja, a mais abrangente possível; 2. ter-se de fato, uma política desconcentradora de renda, bem gerenciada, a longo prazo, também como grande forma de crescer o mercado, gerando mais empregos; 3. evitar-se fracassos da política de setores industriais de governo, identificando-os e fazendo-se um apoio

maior para se voltarem para o mercado interno também, dando ênfase às pequenas e médias empresas e, principalmente, cooperativas, pois estas são válidas para a democratização do capital, para reduzir-se a concentração de renda e para a criação de empregos; 4. eliminar-se pesquisas falsas, fora da realidade, ou duvidosas, tendo dados mais concretos e representativos de uma situação; 5. Esforço de concentração - se fechar um tanto o país - como a China fez. Pois, ao abrir-se para o mundo, ter-se melhores condições de negociar e não ser apenas um importador de produtos mais elaborados. Ou seja, aparecer com novo comportamento de mercado, gerando, com um interno, maior oferta que possa atingir o externo e não ficar muito dependente deste, notadamente na importação de insumos ou de produtos que somente entrem como tal, procurando ter mais indústrias germinativas e mais úteis para o mercado interno, que precisa crescer com maior presença no campo e com melhor distribuição da terra, sempre aproveitando experiências, como as do MST (Movimento dos Trabalhadores Sem Terra).

Estas cinco indicações programáticas seriam voltadas para aquelas características de subdesenvolvimento mais nossas - que melhor espelhassem o subdesenvolvimento brasileiro e que servissem para se ter planos integralmente compostos por nossos problemas, nada impedindo que se parta dos caracteres enunciados por Yves Lacoste em “Os Países Subdesenvolvidos”.

\*Ex-Diretor da Sudene, escritor e consultor